

O saldo de uma das mais mortíferas incursões dos insurgentes

Massacre em Muidumbe

Por Armando Nhantumbo

E, provavelmente, a maior matança colectiva de populações desde 5 de Outubro de 2017. E, apesar do silêncio colectivo na imprensa, o saldo é, simplesmente, arrepiante. Entre 50 e 70 pessoas terão sido mortas, algumas por decapitação e outras metralhadas, no início da tarde desta quarta-feira, numa zona baixa de Xitaxi, uma aldeia do distrito de Muidumbe. O massacre, em território predominantemente cristão, tem assinatura *jihadista* do grupo de inspiração islâmica que, há três anos, aterroiza o norte de Cabo Delgado.

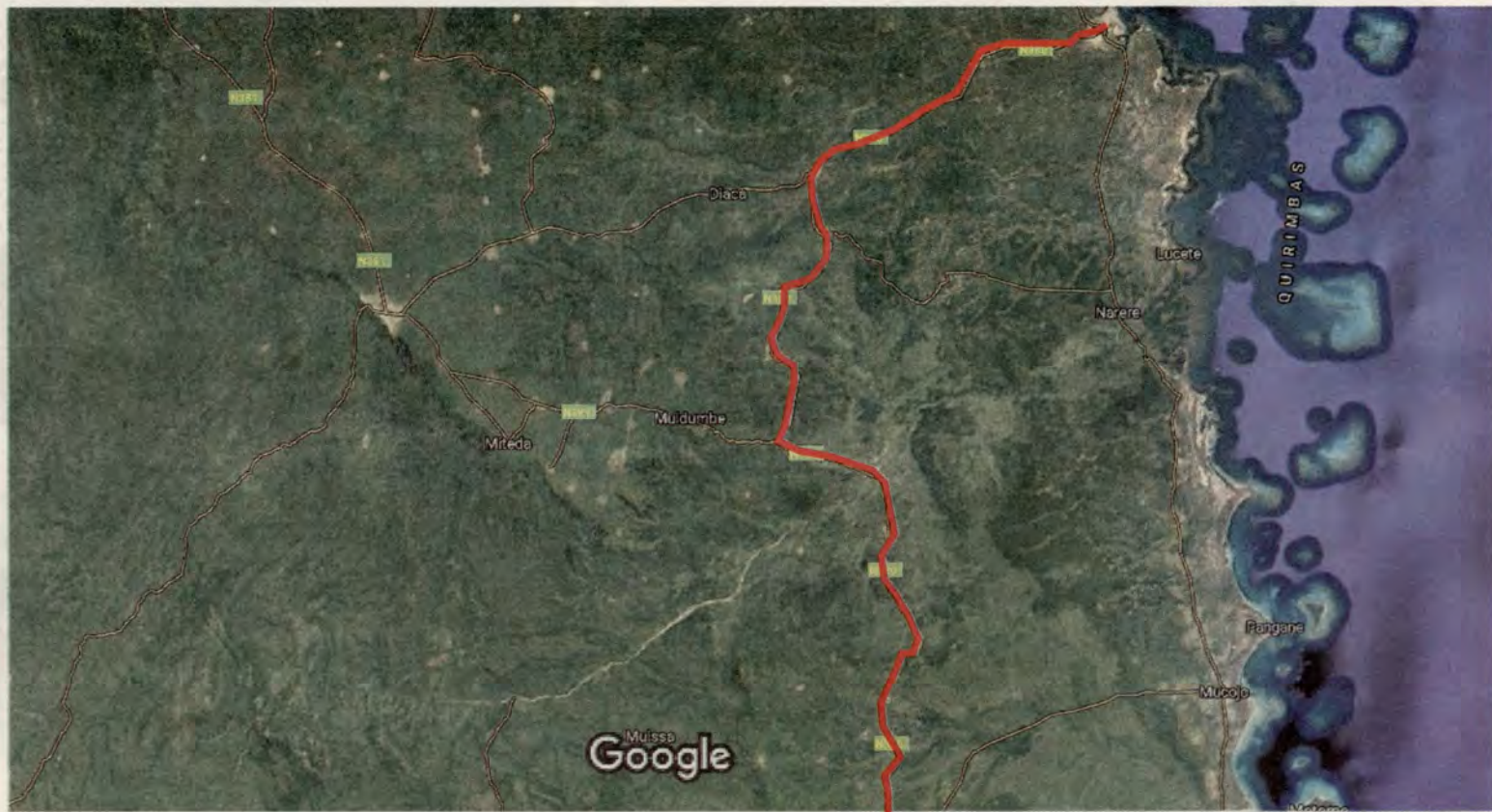
Os populares encontraram a morte numa concentração convocada pelos “insurgentes”, agora que, nas suas incursões, procuram simpatizar com os locais, como estratégia de conseguir apoios.

Tudo indica que a emboscada contra as populações foi uma retaliação contra uma baixa que uma das facções do grupo sofreu, um dia antes, terça-feira, em Muidumbe.

Tudo começou quando, perante as desastrosas derrotas dos militares, antigos combatentes decidiram entrar na linha de combate para travar o avanço dos insurgentes para o chamado planalto makonde que, além de Muidumbe e Nangade, inclui o distrito de Mueda, onde se localiza o maior quartel das Forças de Defesa e Segurança da região.

O planalto makonde é uma região com um forte legado histórico na epopeia da luta de libertação nacional. É a terra natal de importantes figuras no movimento de libertação, casos de Alberto Chipande, considerado, pela história oficial, como o autor do primeiro tiro para a luta de libertação nacional, a 25 de Setembro de 1964.

Os antigos combatentes, que em 2015 pediram armas ao presidente Filipe Nyusi para combater a



É ao longo desta estrada 380 que fica a Aldeia de Xitaxi, onde os insurgentes terão protagonizado a maior chacina de sempre

Afonso Dhlakama, o então líder da Renamo, teriam emboscado, esta terça-feira, uma das facções dos insurgentes, em Muidumbe.

Os veteranos cortaram as saídas dos insurgentes, alguns dos quais foram para Miteda, uma baixa onde não tiveram saída. A geografia do planalto também não jogou a favor dos insurgentes que, sem saídas, acabaram caindo na emboscada.

Na incursão, mais de 30 insurgentes teriam tombado frente dos veteranos da luta de libertação nacional.

Teria sido essa baixa que levou os insurgentes, sempre divididos em vários grupos, a decapitarem e metralhar dezenas de camponeses na aldeia de Xitaxi como forma de retaliação. Os populares teriam sido chamados para uma reunião onde, por volta das 13 horas, começou a

chacina. Uns eram decapitados e, aqueles que tentavam fugir, eram, simplesmente, metralhados com armas de fogo.

Xitaxi é uma aldeia de Muidumbe que fica ao longo da estrada 380, entre Myangalewa e Chitunda.

Enquanto um grupo atacava a vila de Muidumbe, outros faziam incursões nas povoações do distrito. À semelhança do que vem acontecendo em todas as incursões dos insurgentes, não houve socorro. Aliás, os militares, eles próprios, teriam abandonado as suas posições e se colocado em fuga.

“Não sei se estão a fazer greve ou não temos militares ou têm medo”, lamentou, ao **SAVANA**, uma fonte local.

Na ausência das Forças de Defesa e Segurança (FDS), os insurgentes abandonaram Muidumbe com o mesmo à vontade com que, há duas semanas, deixaram as vilas de Mocimboa da Praia e Quissanga.

Vídeos postados a circular nas redes sociais mostram parte de insurgentes em interação com populações locais, em kimuane, uma língua falada no litoral de Palma, Mocimboa, Macomia, Quissanga, Ibo e Pemba.

Coincidentemente, o massacre desta terça-feira aconteceu numa zona de influência cristã.

Contudo, observadores em Maputo fazem notar que o ataque desconstrói a teoria do islão, sempre colada aos ataques, assinalando que, em Muidumbe, o grupo não atacou a missão católica local, o que pode ser uma estratégia de captação de apoio local, da mesma forma que pode demonstrar que há jovens makondes no grupo.

“Diz-se que os makondes são ricos, mas é o mesmo que se diz em re-

lação a Gaza, onde há muitos pobres”, observou a fonte, para quem o conflito de Cabo Delgado é mais um problema de pobreza e não religioso.

O retrato

Os insurgentes entraram no distrito de Muidumbe, nas primeiras horas da manhã desta terça-feira, entre as 5 e as 6 horas. Até ao meio dia desta quarta-feira, um total de oito aldeias tinham sido escaladas pelos insurgentes, incluindo a vila distrital.

A porta foi a aldeia de Ntchinga, a primeira subindo das baixas de Xitaxi. Ali falaram com as populações da mesma forma que fizeram em Myangalewa, de forma pacífica. Em Ntchinga, os insurgentes tranquilizaram as populações, indicando que seus alvos eram militares, tal como acontecera há duas semanas nas vilas sedes da Mocimboa e Quissanga.

Seguiram depois para Namakande, sede distrital, onde vandalizaram a administração local, banco e bombas de gasolina.

A administração de Muidumbe, na pacata vila de Namakande, alberga todos os serviços distritais, num moderno edifício de raiz inaugurado pelo então presidente da República, Armando Guebuza, em finais do seu segundo mandato.

A agência bancária vandalizada é do Banco Comercial de Investimentos (BCI), o único no distrito, inaugurado em 2018, no âmbito da iniciativa presidencial “um distrito, um banco”.

Entretanto, o Estado Islâmico (Daesh) reivindicou a acção de Muidumbe no seu *website*, com foto do banco de Namakande. Foi a reivindicação mais rápida de sem-

pre, feita em menos de três horas.

Os insurgentes seguiram depois para Mwatide, a maior aldeia do distrito, onde destruíram o centro de saúde local, com relatos de terem também vandalizado a Escola Secundária de Luanda.

Teriam, a seguir, rumado para Miteda, na rota para Mueda.

Outras aldeias atacadas incluem Myangalewa, Namakande, a aldeia 24 de Junho e Mwambula, a antiga sede distrital.

Há relatos de que, em Myangalewa, teriam morto cinco pessoas e queimado residências da população local, tal como na aldeia 24 de Junho. Pelas 15h desta quarta-feira, os insurgentes estariam a queimar casas na aldeia Mwambula.

Ainda na passagem por Muidumbe, os insurgentes teriam também queimado uma antena de telecomunicações.

Em todas as aldeias de Muidumbe, incluindo Nshongwe, estão nas matas a busca de refúgio.

Três helicópteros militares teriam saído de Pemba, na noite de terça-feira, para o teatro das operações, mas até ao fecho desta edição, não havia indicação do tipo de operações que haviam desencadeado no terreno.

Enquanto isso, o “politicamente correcto” continua a ser a abordagem das autoridades. Contactado, esta quarta-feira, pelo **SAVANA**, o Comando-geral da Polícia da República de Moçambique (PRM) desmentiu os ataques de Muidumbe. “Não confirmamos”, disse, lacónico, o porta-voz da corporação, Orlando Mudumane. “Então, o distrito de Muidumbe está calmo e tranquilo?”, perguntámos a Mudumane, de forma retórica. “Está”, respondeu ele.



موزمبيق - كابو ديلفادو - وكالة أعماق: انسحب جيش موزمبيق اليوم من بلدة بمنطقة كابو ديلفادو شمال شرقي البلاد، إثر اشتباكات مع مقاتلي الدولة الإسلامية، قتل وأصيب فيها عدد من الجنود. وقالت مصادر عسكرية لوكالة أعماق إن مقاتلي الدولة الإسلامية هاجموا اليوم بلدة مويهومبي واشتبكوا مع جنود الجيش الموزمبقي داخلها لعدة ساعات، انسحب إثرها الجيش من البلدة. وأضافت المصادر أن مقاتلي الدولة الإسلامية استولوا على آلية وأسلحة وذخائر ومعدات من البلدة، ثم عادوا إلى مواقعهم.

7 أبريل 2020